

A comunicação no Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ e a Metodologia Participativa

Mesa de Trabajo 4: Comunicacion y Extensión

Marília Alves Gonçalves – Soltec/UFRJ - mariliagoncalves@ufrj.br; Renata Melo – Soltec/UFRJ – renata.demelod@gmail.com; Elis de Aquino – Soltec/UFRJ - elisdeaquino@gmail.com

Resumo

O artigo pretende se debruçar sobre a forma de funcionamento da equipe de comunicação do Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SOLTEC/UFRJ). Primeiro com a descrição das bases teórico-metodológicas do Núcleo, seu histórico e algumas experiências gerais, elementos considerados fundamentais para a compreensão da Comunicação Institucional. Depois, passa-se à descrição das atividades da Coordenação de Comunicação. A homogeneidade entre a metodologia utilizada e as bases ideológicas do Núcleo e o funcionamento da Comunicação – em todos os níveis – é elemento de fundamental importância neste trabalho.

1. Introdução

Neste artigo pretende-se apresentar uma maneira diferente de fazer comunicação num núcleo de extensão: baseada não no modelo hierárquico e formal, mas na solidariedade, na metodologia participativa e na autogestão. Pretende-se relatar a experiência da Coordenação de Comunicação do Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SOLTEC/UFRJ).

Para isso, far-se-á necessário lançar um olhar sobre o SOLTEC, seu funcionamento, sua ideologia e metodologia de trabalho. Assim, pretendemos evidenciar como se faz possível desenvolver uma comunicação interna contra-hegemônica neste espaço. Pretende-se considerar também as dificuldades do trabalho nestas condições.

2. Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ – SOLTEC/UFRJ

À Universidade *pública* caberia o dever de priorizar em sua essência o interesse *público*. Isso quer dizer que, por natureza, ela deveria desenvolver conhecimento que visasse à resolução ou amenização dos problemas socialmente criados, em detrimento dos interesses que não sejam do coletivo da população, mas que, ao contrário, se destinem a beneficiar indivíduos ou pequenos grupos, os interesses privados.

O sistema capitalista prioriza e estimula a iniciativa privada e o individualismo. A Universidade pública, funcionando dentro deste contexto, não está imune à sua influência. Muito do que tem produzido a Universidade pública é direcionado a grandes empresas capitalistas, ou seja, aos interesses privados. A estrutura de produção de conhecimento que deveria ser destinada ao *público*, torna-se um instrumento de manutenção – e desenvolvimento – do sistema vigente ao garantir a aplicação do conhecimento desenvolvido a certos atores que o representam.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Núcleo de Solidariedade Técnica surge em 2003 posicionando-se contra essa lógica dentro do curso de Engenharia. A ideia nasce com estudantes insatisfeitos com o direcionamento da formação em Engenharia – enquanto a demanda por engenheiros de diversas especializações era gritante nos meios economicamente menos favorecidos da população, a universidade parecia estar interessada somente em formar profissionais para as grandes empresas capitalistas, onde os salários oferecidos certamente seriam bem maiores que o do primeiro caso. Mas, afinal, qual é a função do engenheiro? Qual é a função da Universidade? Qual é a função do profissional formado numa Universidade pública, seja em que área for?

O SOLTEC/UFRJ é um núcleo interdisciplinar de extensão, pesquisa e ensino do Departamento de Engenharia Industrial (DEI) e um Programa da Pró-reitoria de Extensão da UFRJ (PR5). O Núcleo desenvolve projetos em rede com abordagem territorial e participativa nos campos da Tecnologia Social e da Economia Solidária, visando à construção de políticas públicas para a equidade social e o equilíbrio ambiental.

A “solidariedade técnica” que lhe dá nome não diz respeito a um tipo de assistencialismo ou voluntarismo, mas à responsabilidade recíproca. As parcerias são estabelecidas através do pacto de interesses comuns a fim de propiciar aos seus integrantes o desenvolvimento de competências e habilidades sociais e técnicas. O SOLTEC/UFRJ é interdisciplinar porque não se limita a engenharia, curso onde nasceu. Seus integrantes – aqueles de origem acadêmica – são oriundos de diversas formações universitárias como serviço social, jornalismo, biologia, valorizando a troca de saberes entre as diversas disciplinas, considerando que os problemas sociais têm múltiplas origens e podem ser vistos sob vários aspectos – mesmo sob o olhar simultâneo de disciplinas “exatas” e “humanas”.

Segundo as diretrizes aprovadas pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão (FORPROEX), a extensão universitária é “um processo educativo, cultural e científico, articulado de forma indissociável ao ensino e à pesquisa e que viabiliza uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade”. Por buscar, em sua

essência, uma transformação na relação entre a universidade e a sociedade, baseado no diálogo entre os saberes científico e popular, o SOLTEC é um programa de extensão. Realizar a extensão universitária se dá em articulação – indissociavelmente – com o ensino e a pesquisa, que contribuem para a formação de estudantes mais críticos diante da realidade em que vivem. O objetivo é que, ainda na graduação, os alunos possam se envolver com comunidades, ajudando-as na elaboração, monitoramento e avaliação de projetos sociais, construindo um vínculo entre estudantes das diversas habilitações, professores, departamentos e potenciais parceiros dentro e fora da Universidade.

O SOLTEC é composto por bolsistas (estudantes de graduação), estudantes de pós-graduação, além de integrantes do corpo docente e funcionários técnico-administrativos da UFRJ. O ensino se expressa na oferta de disciplinas que contribuem para a formação de “novos estudantes”, mais críticos. Podemos citar como exemplos as disciplinas Gestão de Projetos Solidários, oferecida na Engenharia de Produção (mas disponível a todos os alunos da UFRJ e, algumas vezes, como curso de extensão também a pessoas de fora da universidade), e Software livre e Metodologias participativas, oferecida na Engenharia Eletrônica. As linhas de pesquisa do Núcleo são definidas a partir das seguintes diretrizes: tecnologia e trabalho, gestão compartilhada de recursos naturais e gestão de projetos solidários.

Além disso, o SOLTEC desenvolve diversos programas e projetos em parceria com comunidades, gestores públicos e organizações da sociedade civil. Podemos citar como exemplos a Pesquisa Ação na Cadeia Produtiva da Pesca no Litoral Fluminense (PAPESCA), o Laboratório de Informática para Educação (LIPE) e a Rede de Informação e Pesquisa em Resíduos (Riper). Nos projetos de extensão, o Núcleo se baseia em quatro princípios básicos: participação, cidadania, cooperação e solidariedade. Assim, os projetos compartilham a reflexão e ação para a transformação social baseadas na economia solidária e nas tecnologias sociais.

Nesse sentido, os objetivos gerais do SOLTEC são: apoiar e desenvolver tecnicamente projetos sociais e solidários, através de metodologia participativa, no âmbito local-global; desenvolver novos conceitos e metodologias específicas no campo da Engenharia e desenvolvimento social; mobilizar e conscientizar os estudantes, desenvolvendo competências sociotécnicas e estimulando a sua participação em projetos de inclusão social; fortalecer as ações locais e regionais do estado do Rio de Janeiro¹.

2.1. História

¹ Disponível em <http://www.soltec.ufrj.br/index.php/soltec>. Acessado em 14 de agosto de 2011.

No contexto da onda progressista que tomava o país após a eleição do presidente Lula, em janeiro de 2003, estudantes da Escola Politécnica da UFRJ envolvidos em projetos de promoção de direitos sociais questionavam o direcionamento da formação no curso de Engenharia. Para eles, a engenharia, classicamente voltada para a otimização da produção de grandes empresas, deveria contribuir para o desenvolvimento da sociedade. A Universidade – toda – deveria, assim, se envolver com os problemas sociais, ambientais e econômicos. A partir dessa insatisfação, decidiu-se criar um grupo que pudesse pensar outras formas de atuação. No dia 13 de março de 2003, é fundado, então, o SOLTEC, instituído pelo Departamento de Engenharia Industrial (DEI).

Fruto da mobilização de estudantes, o SOLTEC nasce a fim de equilibrar e direcionar a formação para a questão socioambiental, a promoção dos direitos humanos e a geração de trabalho e renda. Num primeiro momento, o Núcleo objetiva exercitar a Cidadania e aprofundar a formação humanística dos estudantes de engenharia. Ao longo do seu desenvolvimento, o objetivo é expandir essa conscientização entre os estudantes de todos os cursos da UFRJ.

Oito anos depois, o programa conta com professores, técnicos, pesquisadores e alunos. O SOLTEC, hoje, como um núcleo interdisciplinar, trabalha diretamente com outras áreas além da engenharia, como a comunicação comunitária, a educação, a economia. Entende-se que todas as áreas do conhecimento devem dialogar e colaborar entre si para a promoção de um mundo mais justo e sustentável.

3. Bases teóricas

Entender a comunicação no SOLTEC implica conhecer as bases teóricas com que o núcleo trabalha e suas escolhas, num plano geral. Nosso modo de trabalhar, de pensar a comunicação como ferramenta de transformação, como uma facilitadora da transparência e da democracia é possível porque existimos dentro do SOLTEC, num contexto que privilegia esse modelo de pensamento e de atuação. Como parte integrante do núcleo, a comunicação é orientada pelas bases compartilhadas por todos como economia solidária, autogestão, tecnologias sociais e metodologias participativas. Nesse sentido, apresentaremos a seguir os principais fundamentos ideológicos que norteiam o trabalho e essência do SOLTEC.

3.1. Tecnologia Social

O termo tecnologia é, muitas vezes, associado a ideias positivas como conforto e bem-estar. Assim vimos, ao longo dos anos, a ideia de Ciência e a Tecnologia ser apresentada como a solução para os problemas socioeconômicos de países subdesenvolvidos. No entanto, vimos que a engenharia tradicional está voltada para as grandes empresas, suas maiores financiadoras. Desta forma, o crescimento econômico gerado pela Ciência e Tecnologia não implica em melhorias sociais, mas sim em benefícios para uma pequena parcela da população capaz de pagar pelo seu desenvolvimento. Além disso, as tecnologias convencionais são desenvolvidas a fim de reforçar o controle sobre os trabalhadores e sobre os processos de produção.

O SOLTEC, no contexto da extensão universitária, busca uma engenharia diferente, que seja voltada para a sociedade e que fortaleça a democracia no ambiente de produção. Esse novo conceito, essa nova maneira de produzir e trabalhar com engenharia chama-se Tecnologia Social.

As tecnologias sociais buscam maneiras de produzir tecnologia voltada para o desenvolvimento socialmente justo e ambientalmente sustentável. É um movimento em torno do desenvolvimento de tecnologias de forma endógena, inseridas na luta pela redução das desigualdades sociais. De acordo com a Rede de Tecnologia Social (RTS), "Tecnologia Social compreende produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social"².

É no projeto Tecnologia da Informação para fins sociais (TIFS) que a relação entre tecnologia e desenvolvimento social se apresenta de maneira mais clara no SOLTEC. O objetivo do projeto é desenvolver ferramentas de tecnologia da informação que deem suporte a organizações sociais de comunidades pobres. Como é dito na definição da RTS, a interação com os atores sociais no processo de construção da tecnologia é fundamental. Por isso, o SOLTEC, sempre através de metodologias participativas como a pesquisa ação, busca atuar junto aos atores sociais e não para os atores sociais.

Na construção do Portal Comunitário Cidade de Deus, por exemplo, os usuários participaram do processo de concepção, teste, melhorias e documentação, exercendo o real poder de decisão. O papel do engenheiro não foi o de apenas um "provedor de soluções prontas" (ALVEAR; LIANZA; TYGEL, 2011: 5), mas de um mediador na construção de soluções que atendam aos interesses da sociedade. O Portal, parte do projeto TIFS, surgiu a fim de melhorar a integração entre organizações sociais de base comunitária da Cidade de Deus. É um exemplo de tecnologia desenvolvida junto à comunidade e em benefício da mesma.

² Disponível em <http://www.rts.org.br/tecnologia-social>. Acessado em 17 de agosto de 2011.

O SOLTEC busca cumprir o papel social da engenharia baseado nos princípios da economia solidária. Para o sucesso dessa atuação, a tecnologia social como conceito teórico e prático tem sido uma ferramenta essencial.

3.2. Metodologia participativa

O SOLTEC busca redefinir o papel da universidade no contexto social de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. A busca por uma nova universidade, por outro mundo possível passa pela mudança na maneira como a universidade lida com a sociedade. Muitas vezes, em modelos de pesquisas convencionais, os atores sociais de um projeto são tratados como simples objetos de pesquisa. Num processo vertical, em que há uma separação clara entre pesquisadores e pesquisados, há o risco de haver uma imposição de ideias tecnicistas dos especialistas aos membros das comunidades.

No contexto da extensão, não cabe o exercício de metodologias meramente consultivas, pois “a extensão não é transferência ou simples transplante de conhecimento; ela é, antes, de tudo, criação e compartilhamento”³. Por isso, o SOLTEC articula sua atuação com base em metodologias participativas, como a pesquisa-ação.

Michel Thiollent define pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 2008). Ou seja, na perspectiva participativa da pesquisa-ação, o indivíduo e o grupo são vistos como sujeitos das situações em que atuam. Não há uma divisão entre os detentores do conhecimento e os receptores. Há troca. Não existem soluções prontas para os problemas apresentados, as soluções devem ser construídas coletivamente com a participação de todos, sem o estabelecimento de uma hierarquia ou divisão entre pesquisadores e pesquisados.

A metodologia participativa privilegia a autonomia dos atores, a livre expressão, o trabalho coletivo, o respeito à diversidade cultural, além de favorecer as representações dos não especialistas. Entendemos que não é eticamente possível impor uma ação transformadora sem o consentimento dos envolvidos.

O SOLTEC, em sua atuação no território, se apropria da metodologia participativa a fim de fortalecer o diálogo, a democracia e o empoderamento dos beneficiários dos projetos. Essa ideologia visa a promover ações que atendam de fato

³ Disponível em <http://www.itoi.ufrj.br/sempe/index.htm>.

as necessidades dos sujeitos e comunidades envolvidos nos projetos e pesquisas desenvolvidos.

3.3. Economia Solidária e autogestão

A Economia Solidária surge como alternativa ao sistema capitalista. Representa a luta por uma sociedade mais justa, por um modelo de trabalho não-alienante e por modos de produção sustentáveis e inclusivos. Por isso, além de orientar o trabalho no SOLTEC, é também uma política apoiada pelo Núcleo.

Esse conceito engloba e dialoga com as teorias descritas acima, visto que a Economia Solidária é multidimensional e envolve as áreas social, econômica, política, ecológica e cultural. Podemos defini-la como uma forma de produção e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano. Os princípios básicos são a propriedade coletiva, a solidariedade e a democracia. As relações se dão de maneira associativista e cooperativista. O processo de produção visa ao equilíbrio ecológico e o respeito aos direitos humanos.

A Economia Solidária busca, assim, resgatar os valores de cooperação, rompendo com a lógica da exploração, do individualismo, da competitividade e do uso irresponsável dos recursos naturais. O ser humano é entendido na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade econômica⁴.

O Brasil conta com apoio do Governo Federal, por meio da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), com a qual o SOLTEC trabalha em parceria, atualmente, participando do processo de avaliação dos 8 anos de existência da mesma. Através do projeto Rio Economia Solidária, realizado pela prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico Solidário (SEDES), o Núcleo está realizando o mapeamento de empreendimentos de economia solidária em quatro favelas do Rio de Janeiro: Complexo de Mangueiras, Santa Marta, Cidade de Deus e Complexo do Alemão.

É através da autogestão que acontecem as relações de trabalho e a administração nos empreendimentos solidários. A autogestão é uma maneira horizontal de organização que vai contra a lógica individualista e hierarquizada das relações capitalistas. O poder de decisão deve caber ao grupo e não à figura de um patrão ou chefe. Por isso, todos os integrantes têm o mesmo poder de decisão.

Segundo Paul Singer, a autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica, mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes

⁴ Disponível em http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp. Acessado em 17 de agosto de 2011.

(SINGER, 2002). Nesse modelo de gestão, é interessante que os trabalhadores participem de todo o processo de produção para que tenham uma dimensão ampla do seu papel, evitando, assim, o trabalho alienado e compartimentalizado em que as informações são restritas a um pequeno grupo com o poder de “mandar”.

O SOLTEC é entendido como uma obra de todos. As reuniões mensais do Comitê Gestor são um exemplo da busca pela autogestão. Trata-se de um espaço coletivo e aberto para influência e deliberação de todos os seus integrantes, sem discriminação ou hierarquia. O CG é o órgão máximo de decisão do SOLTEC – é o espaço onde são tomadas, em última instância, todas as decisões do Núcleo, e do qual todos os integrantes fazem partes (alunos de graduação, pós-graduação, professores e funcionários)

A construção de um modelo de organização coletiva é um constante desafio, visto que estamos inseridos numa sociedade em que prevalece a hierarquia, o individualismo e a dominação dos mais fortes sob os mais fracos. Praticar a contra-hegemonia não é uma tarefa simples. Por isso a luta pela prática da autogestão e pela Economia Solidária deve ser diária.

4. A comunicação que fazemos

O SOLTEC/UFRJ entende que a comunicação é instrumento fundamental para alcançar os objetivos a que se pretende. Por um lado, a comunicação interna, compreendida como ferramenta de integração entre os membros e promoção do diálogo entre os saberes diversos que são construídos no núcleo em seus muitos projetos. Por outro, a comunicação externa, pela qual o SOLTEC procura difundir esse conhecimento, assim como suas ideias e posições, posicionando-se como mais um veículo de comunicação sem fins lucrativos – alternativo, portanto, aos veículos comerciais.

Além disso, o SOLTEC atua também no âmbito da comunicação comunitária. A experiência com esta temática é uma das mais recentes do Núcleo, tendo se iniciado em 2009 com a atuação no projeto do Portal Comunitário da Cidade de Deus (projeto que integra o TIFS). Em 2011, o “agir para a democratização da comunicação” se torna um dos objetivos principais da equipe de comunicação do Núcleo, que passa a desenvolver o projeto Comunicação Comunitária e Novas Tecnologias, com atuação nas favelas cariocas Cidade de Deus e Conjunto de favelas do Alemão.

Neste tópico, pretendemos relatar as experiências do SOLTEC nestas três formas de atuação em comunicação: a comunicação interna; a comunicação externa;

e a comunicação comunitária. O que segue é, portanto, apenas um relato da experiência de atuação nesta área.

4.1. Comunicação Interna

O SOLTEC/UFRJ completou, em 2011, 8 anos de existência. O que começou com alguns alunos e o apoio de professores na Engenharia de Produção da UFRJ torna-se um Núcleo cada vez maior, muitas vezes visto como referência nas áreas em que atua mais sistematicamente, como Tecnologia Social, Economia Solidária e a Pesquisa-ação. O SOLTEC cresceu em reconhecimento como resultado do igual crescimento da abrangência de sua atuação.

Em vista disso, torna-se urgente criar uma ferramenta de integração dos membros do Núcleo que não dependa do acaso de “encontros de corredor”. Integrar para evitar o risco das pessoas caírem no isolamento de seus projetos, seus temas, suas funções, em detrimento do SOLTEC como um todo. Integrar para criar um sentimento de pertencimento ao SOLTEC, para compartilhar informações sobre o Núcleo e de seu interesse. A ferramenta criada para isso, em 2010, foi o Boletim Interno.

Com periodicidade quinzenal, o Boletim Interno é um noticiário enviado em formato eletrônico para os membros do grupo através de uma lista de e-mails. O veículo possui um caráter informativo informal e “rápido”, com notícias que variam entre as principais atividades do grupo e entidades parceiras brevemente explicadas em um único parágrafo.

As informações do Boletim são coletadas com as equipes de cada programa ou projeto do SOLTEC pelas duas bolsistas de extensão que compõem a equipe de comunicação do Núcleo. As estudantes de jornalismo trabalham também na redação das notas, adaptando as notícias para a linguagem apropriada ao meio. O boletim passa por uma revisão das coordenadoras de Comunicação – duas jornalistas –, que ajudam também no recolhimento das informações. À coordenação cabe também o envio do informativo para a Coordenação Executiva do SOLTEC – composta pelos coordenadores de Comunicação, Tecnologia da Informação, Gestão, além do coordenador Geral e dos coordenadores de projetos –, que o recebe dois dias antes do resto do grupo. As coordenações têm dois dias para apontar erros nas informações. Depois disso, o boletim é compartilhado com todos os integrantes.

O Boletim também pode ser feito coletivamente, através do envio voluntário de notícias para a equipe de Comunicação ou, até mesmo, de notas feitas pelos próprios membros do SOLTEC. As notícias, no geral, são um apanhado dos principais

acontecimentos de cada programa, bem como as metas para as semanas seguintes à publicação do Boletim. Mas o informativo, por ter como um dos objetivos aproximar os membros do Núcleo, também divulga a lista de aniversariantes da semana, notícias pessoais de cada integrante do SOLTEC, como aprovação em um concurso, viagem, nascimento de um filho. A linguagem do Boletim é o toque final para conquistar a simpatia da equipe do SOLTEC e tornar a leitura do informativo mais agradável e próxima.

4.2. Comunicação externa

O SOLTEC também possui uma plataforma de divulgação das atividades e ideologias para entidades e pessoas externas ao Núcleo. Ela é composta pelo site do Núcleo e pelo *Êêetcha!*, o jornal do SOLTEC.

Em agosto de 2011, o SOLTEC lançou a décima primeira edição do *Êêetcha!*, que foi se firmando, a cada ano, como o principal meio de divulgação do SOLTEC. As primeiras edições do jornal limitavam-se a notícias sobre os projetos do SOLTEC – sobre o andamento, os resultados, dados de pesquisas realizadas. Até 2009, a linha editorial do jornal era fundamentalmente essa.

A partir de 2009, ocorre uma abertura na pauta do jornal. Além de notícias dos projetos, o *Êêetcha!* começa a publicar matérias sobre temas de interesse do Núcleo, essencialmente ligados aos direitos humanos, como as remoções de moradores de favelas, a atuação de uma empresa siderúrgica alemã no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, a Conferência Nacional de Comunicação, entre outros⁵. Passam a ser abordados temas que não necessariamente dizem respeito ao que o SOLTEC está diretamente envolvido, mas também projetos, eventos políticos, econômicos, sociais e culturais que fazem parte dos assuntos discutidos, defendidos e criticados pelo Núcleo.

Importante observar que, neste momento em que ocorre a mudança na linha editorial do jornal, a equipe de comunicação do Núcleo – até então composta por uma jornalista responsável e uma bolsista de extensão – cresce com a chegada de mais um estudante de graduação. Mais tarde, em 2011, a equipe ganha ainda – por alguns meses – uma estagiária e dois voluntários. Esse crescimento da equipe de comunicação – que é, de certa forma, um resultado do crescimento do SOLTEC como um todo – é o que possibilita o desenvolvimento e a solidificação de alguns meios e ações da equipe.

⁵ Oitava edição do jornal. Disponível em http://www.soltec.ufrj.br/index.php/repositorio-de-arquivos/cat_view/55-eeetcha. Visitado em 30 de agosto de 2011.

O *Êêêtcha!* tem periodicidade trimestral e é produzido coletivamente. À Coordenação de Comunicação cabe promover as reuniões de discussão de pauta. A presença de qualquer membro do SOLTEC é facultativa, sendo obrigatória somente a presença dos membros da equipe (jornalistas e estudantes de comunicação) e um jornalista convidado, que faz parte do Conselho Editorial do *Êêêtcha!*. O Conselho tem o objetivo de fazer uma “revisão institucional” do jornal – analisar se as pautas estão de acordo com as ideias e interesses do Núcleo.

As reuniões são abertas a todos os membros – qualquer pessoa pode sugerir pautas, desde que se comprometa com sua realização. Os membros do SOLTEC podem também atuar na diagramação do jornal, revisão de matérias etc.. A última página do jornal é tradicionalmente reservada para as fotos de todos que ajudaram a produzir aquela edição. A foto de cada um é acompanhada por informações sobre a pessoa, como nome, profissão e o que fez no jornal.

Apesar da linguagem do *Êêêtcha!* ser mais formal, se comparada à do Boletim Interno, o objetivo do SOLTEC ao produzir este periódico não é que ele se transforme em mais um jornal que segue os modelos de escrita e definição de pauta dos jornais que compõem a mídia tradicional. O *Êêêtcha!* traz discussões relevantes para o Núcleo, seus parceiros e para o país, mas também usa humor inteligente para lazer dos leitores. Além disso, uma das seções do jornal, chamada “SOLTEC Indica”, promove uma relação mais próxima entre leitor e Núcleo. Nesta seção, são listados três livros e três filmes indicados por membros do SOLTEC, com um resumo da obra (sinopse).

O formato do *Êêêtcha!* é em folha A4, geralmente com 10 ou 12 páginas. Na capa, além da chamada para as principais notícias, há um pequeno resumo explicando o que é o SOLTEC e um editorial feito por algum membro do Núcleo. Seguindo a disponibilidade de dinheiro no SOLTEC a cada trimestre o *Êêêtcha!* pode ou não ser impresso. Quando impressos, geralmente com tiragem de 1000 exemplares, o jornal é distribuído para parceiros do SOLTEC e interessados. Além da distribuição dos impressos, o *Êêêtcha!* também é enviado virtualmente através de uma lista de e-mails para entidades e pessoas que compartilham dos mesmos ideias do SOLTEC.

A construção participativa do jornal aproxima mais os membros do SOLTEC, além de dar voz para que todos se expressem. Por ser um Núcleo formado por pessoas de várias formações, o jornal do SOLTEC assume essa postura plural na sua linha editorial. São tratados temas como: economia solidária, cultura, política institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quadro político brasileiro,

Comunicação Comunitária, notícias dos projetos do SOLTEC e de parceiros do Núcleo entre outros temas.

O *Êêetcha!* tem como proposta divulgar o SOLTEC, seus projetos e ideologias para outros núcleos, Universidades, projetos que compartilhem dos mesmos valores, que são: economia solidária, equidade social, equilíbrio ambiental, comunicação comunitária, etc., e assim trocar informações e ganhar parceiros para o Núcleo.

4.3. Comunicação Comunitária

A equipe de Comunicação do SOLTEC não se restringe a trabalhar com a Comunicação Institucional (interna e externa), mas também com a Comunicação Comunitária.

O projeto Comunicação Comunitária e Novas Tecnologias tem como objetivo principal promover a democratização da Comunicação através da expansão da comunicação comunitária como ferramenta de transformação social. A ideia é contribuir para a potencialização dos veículos comunitários que se colocam como forma de resistência ao modelo de comunicação comercial – a chamada grande mídia – através da realização de cursos em comunidades cariocas e apoio a iniciativas na área.

4.3.1 A experiência da Cidade de Deus

Um dos primeiros projetos na área de Comunicação do SOLTEC foi realizado em 2010. A equipe realizou, dentro do projeto Tecnologias da Informação para Fins Sociais (TIFS), um curso de Análise Crítica dos Meios de Comunicação com moradores da Cidade de Deus, favela localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Vários palestrantes advindos de diferentes áreas foram convidados para dar aulas.

As aulas e reuniões eram realizadas aos sábados durante a manhã e a tarde. Além da discussão sobre temas relacionados à comunicação, política, economia e como tudo isso refletia na Cidade de Deus, a equipe do SOLTEC auxiliava os alunos a discutir possíveis pautas para o jornal a ser produzido no fim do curso, além da revisão dos textos.

O fruto final do curso foi a produção de um jornal comunitário feito pelos próprios moradores da Cidade de Deus, chamado A notícia por quem vive. Dezesesseis pessoas (a maioria moradores da Cidade de Deus) concluíram o curso. A iniciativa foi bem sucedida e os novos “jornalistas comunitários”, ainda na primeira edição do jornal, já conseguiram ganhar um edital de patrocínio do Ministério da Cultura.

Vê-se que os moradores “tomaram as rédeas” do processo produtivo do jornal, numa demonstração de autonomia com relação à Universidade e ao SOLTEC, atitude que foi incentivada desde o início do curso. Em 2011, o SOLTEC continua parceiro do jornal A notícia por quem vive, atuando na construção do regimento interno do jornal.

4.3.2 O curso na favela do Alemão

Em 2011, a equipe de comunicação do SOLTEC realizou outro curso de comunicação, desta vez no Conjunto de Favelas do Alemão. A iniciativa aconteceu dentro do projeto Rio Economia Solidária – projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, do qual o SOLTEC é uma das entidades responsáveis pela pesquisa.

Este curso, que teve início no mês julho, aconteceu mensalmente em três aulas, em horário integral aos sábados na própria comunidade. A turma foi formada por, aproximadamente, 15 pessoas, em sua maioria mulheres que participaram do projeto, ou seja, empreendedores populares.

Antes do início do curso os alunos interessados preencheram um formulário onde disseram quais os assuntos dentro da Comunicação que eles julgaram mais relevantes de serem tratados, também comentaram sobre suas expectativas do curso. A partir desse formulário a equipe de Comunicação montou um plano de assuntos mais interessantes para discutir nas aulas e convidou especialistas nos assuntos para ministrá-las, bem como planejou dinâmicas para os alunos. Mais uma vez, o estímulo ao debate e à troca de saberes foi base metodológica do curso.

5. Conclusão

Apesar de proporcionalmente ainda pequenas, são muitas as iniciativas contra-hegemônicas dentro e fora das universidades. Trabalhar por elas não é uma tarefa fácil, como já dissemos aqui anteriormente. Em algumas especialidades, como é o caso da Comunicação Institucional, é ainda mais difícil ser contra-hegemônico, ou seja, não repetir os padrões do mercado, do sistema vigente.

Neste artigo, procuramos mostrar como o SOLTEC/UFRJ trabalha a comunicação de uma forma coerente com seus princípios e bases ideológicas. Em um núcleo que tem como base a autogestão, a negação da hierarquia e a democracia nas formas de organização do trabalho e da produção, seria inviável realizar uma comunicação vertical, impositiva, que não buscasse a integração e a interdisciplinaridade.

Por outro lado, entendemos a comunicação como ferramenta fundamental de transformação. A comunicação é, também, um meio indispensável para atingir nosso objetivo de expandir a democracia, a equidade social e o equilíbrio ambiental. Por isso, agir para a transformação da comunicação é também um dos nossos objetivos.

6. Bibliografia

ALVEAR, Celso. LIANZA, Sidney. TYGEL, Alan. As engenharias e a Tecnologia Social: o caso do Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ (Soltec/UFRJ). Disponível em http://www.pr5.ufrj.br/revista/index.php?option=com_content&view=article&id=6:as-engenharias-e-a-tecnologia-social-o-caso-do-nucleo-de-solidariedade-tecnica-da-ufrj-soltecufrj&catid=1:artigos-revista-n00&Itemid=3. Visitado em 1º de setembro de 2011.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2008.